

**Nº 67**

Coleção

**TEXTOS**

**ACADÊMICOS**

**Ano 2**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**CARACTERIZAÇÃO DA CAATINGA  
NO RIO GRANDE DO NORTE**

Maria das Graças Pereira Costa

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Departamento de Geografia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
RIO GRANDE DO NORTE

MARIA DAS GRACAS PEREIRA COSTA

Monografia apresentada ao Departamento  
de Geografia da Universidade Federal  
do Rio Grande do Norte, visando  
a obtenção do grau de Bacharel em  
Geografia.

PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA  
PROGRAMA DE INÍCIO AO TRABALHO INTELECTUAL  
NATAL, JANEIRO DE 1981





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA



CARACTERIZAÇÃO DA CAATINGA NO  
RIO GRANDE DO NORTE

MARIA DAS GRACAS PEREIRA COSTA

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, visando a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA  
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL  
NATAL, JANEIRO DE 1982





PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA  
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL  
COLEÇÃO TEXTOS ACADÊMICOS, 67

REITOR: prof. Diógenes da Cunha Lima

VICE-REITOR: Prof. Esequias Pegado Cortez Neto

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO: Prof. Pedro Simões Neto

COORDENADORES DO PROGRAMA: Heloísa Carmen Lordão Monteiro

Maria Salete Pereira da Silva

João Afonso do Amaral

EQUIPE DE APOIO: Jacinta Leite de Oliveira

Pedro Gutemberg Pinheiro de Souza

Roberto Anderson da Silva

José Tavares Filho



Costa, Maria das Graças Pereira.

Caracterização da caatinga no Rio Grande do  
Norte. Natal, PRAEU, 1982.

35f. il.

Monografia (bacharelado) Univ. Fed. Rio Gran  
de do Norte.

1. Fitogeografia - Rio Grande do Norte - Mo-  
nografias. 2. Caatingas - Rio Grande do Norte  
Monografias. I. Título.

CDU 911.2:581.9(813.2)(043.3)







A Universidade Federal do Rio Grande do Norte mantém um programa de estímulo ao trabalho intelectual que nasceu da necessidade de valorizar e difundir a produção intelectual acadêmica. Consiste, basicamente, na reunião de todas as dissertações, teses e monografias elaboradas por Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, num espaço físico a que denominamos "Banco de Estudos Universitários" e que serve como fonte de consulta à toda comunidade acadêmica.

A partir da classificação desses trabalhos, uma comissão composta por membros do Conselho Editorial e representantes dos departamentos acadêmicos, seleciona obras representativas de suas áreas, para publicação.

O programa prevê a edição de duas coleções: Estudos Universitários, com livros impressos em off-set pela Editora Universitária e Textos Acadêmicos, reproduzidos pelo sistema de mimeógrafo, pelo grupo técnico da coordenação do programa, na sede da Pró-Reitoria para Assuntos de Extensão Universitária.

A UFRN pretende editar cerca de 400 títulos através das duas coleções, ao mesmo tempo em que publica um Catálogo Geral, demonstrativo de todo o esforço intelectual da comunidade universitária norte-rio-grandense.

É um programa ambicioso, mas simples e concreto como a vontade de fazer. Na medida em que estabelece um volume quantitativamente ousado de títulos para publicação, adota uma de finição técnica no mínimo humilde para realizá-lo: a opção do mimeógrafo para a maioria das edições.

Há de ser reconhecido que a produção intelectual das Universidades tem sido dirigida para objetivos que escapam à produção ou transmissão de conhecimentos: promove currículos acadêmicos, ou é confinada em prateleiras. Em ambas as hipóteses, o ineditismo dos trabalhos conspira contra os seus verdadeiros desígnios.

Nosso programa atende ao objetivo maior de difundir o conhecimento assimilado ou produzido pela Universidade, revalorizando o esforço intelectual dos professores ao mesmo tempo em que estimula a sua aplicação. E nenhuma outra pretensão nos orienta.

Diógenes da Cunha Lima  
Reitor



### DEDICATÓRIA

- . AOS MEUS PAIS, João Firmino e Maria Nazarê,  
pelo incentivo, compreensão, e pelo amor  
com que ensinaram-me o caminho a seguir.
  
- . AOS MEUS IRMÃOS que, de modo especial e  
afetivo, prestaram sua colaboração nesta  
maratona.

### AGRADECIMENTOS

- . À Professora ROMEICA DE FRANÇA FLÔR, orientadora deste trabalho monográfico, pela constante disponibilidade, dedicação e segura contribuição teórica que sempre nos ofereceu.
- . Ao Professor RAIMUNDO TEIXEIRA ROCHA, Chefe do Núcleo de Antropologia Social e Aplicada do Museu "Câmara Cascudo"-UFRN, pelas excelentes sugestões oferecidas, e revisão dos originais.
- . À Professora ANA MARIA DE OLIVEIRA DANTAS, responsável pelo Departamento Interno de Botânica Experimental do Museu "Câmara Cascudo" - UFRN, pelo incentivo e cooperação proporcionados na elaboração da monografia.
- . À Professora MARIA DE LOURDES RODRIGUES, pelo, apoio, confiança e estímulo à Pesquisa Científica.
- . Ao Professor JOSÉ CARLOS BORGES, que na sua simplicidade colocou-nos a par da realidade.
- . A todos que em maior ou menor grau, contribuíram para a realização deste trabalho.



## S U M Á R I O

|                                                                     | página |
|---------------------------------------------------------------------|--------|
| 1. INTRODUÇÃO .....                                                 | 06     |
| 2. LISTA DE FOTOGRAFIAS .....                                       | 07     |
| 3. CARACTERIZAÇÃO DO QUADRO NATURAL DO RIO<br>GRANDE DO NORTE ..... | 08     |
| 3.1 - <u>Relevo</u> .....                                           | 08     |
| 3.2 - <u>Hidrografia</u> .....                                      | 13     |
| 3.3 - <u>Clima</u> .....                                            | 15     |
| 4. CAATINGA DO RIO GRANDE DO NORTE .....                            | 19     |
| 4.1 - <u>Aspectos Gerais</u> .....                                  | 19     |
| 4.2 - <u>Áreas de ocorrência</u> .....                              | 22     |
| 5. CONCLUSÃO .....                                                  | 31     |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA .....                                  | 33     |

## 1. INTRODUÇÃO

O tema "Caracterização da Caatinga no Rio Grande do Norte" por nós escolhido, para montar a presente monografia, deve-se ao fato, do nosso Estado está sob a influência do clima semi-árido que cobre 70% da área total. Por conseguinte, a caatinga é considerada a maior expressão de cobertura vegetal do Estado.

Tal paisagem fitogeográfica reflete os fatores naturais, que caracterizam quase toda Região Nordeste, distribuindo-se em áreas climatologicamente pobres, onde a temperatura média anual alcança mais de 24°C, e cuja precipitação varia de 250 a 500mm, prevalecendo com isso um período significativo de meses secos. Durante esse período, as plantas da caatinga perdem suas folhas, dando à paisagem um aspecto desolador, sendo raras as espécies que permanecem verdes (oiticica - *Licania rigida* Benth). Este fato mostra que a quantidade de chuva caída em uma região, não determina, por si só, o tipo de vegetação que nela irá ocorrer, precisa-se levar em consideração o solo, o vento, a topografia, etc., que na caatinga criam condições menos favoráveis, forçando a seleção natural de algumas espécies dessa vegetação.

Oferecendo essa vegetação profundos contrastes entre épocas secas e chuvosas, a perda total das folhas, na estação seca, constitui característica marcante. O reduzido tamanho das folhas e sua mobilidade, a grande ramificação desde a parte interior do tronco, a frequência de plantas espinhentas, a presença das suculentas, são alguns dos testemunhos da adaptação das plantas aos rigores do clima nordestino, especificamente do Estado do Rio Grande do Norte, na área relativa ao nosso trabalho.



## 2. LISTA DE FOTOGRAFIAS

- 2.1 - Vista parcial do Pico do Cabugi-RN
- 2.2 - Caatinga arbustiva, com aspecto seco e acinzentado.  
Br-304. Município de Riachuelo-RN.
- 2.3 - Aspecto da caatinga hiperxerófila, com ausência  
de folhas. Município de Lages-RN.
- 2.4 - Presença de Cactáceas, sobre rochas. Próximo a An  
gicos-RN.
- 2.5 - Aspecto da caatinga hiperxerófila com presença de  
Cactáceas e Bromeliáceas. Lages-RN.
- 2.6 - Associação de Cactáceas e Bromeliáceas. Município  
de Lages-RN.

### 3. CARACTERIZAÇÃO DO QUADRO NATURAL DO RIO GRANDE DO NORTE

#### 3.1 - Relevo

O Estado do Rio Grande do Norte está localizado na Região Nordeste do território brasileiro, com uma superfície total de  $53.015 \text{ Km}^2$ , englobando 151 municípios. Situa-se entre os paralelos  $4^{\circ}51'54''$  -  $6^{\circ}58'18''$  de latitude sul e os meridianos de  $34^{\circ}57'08''$  -  $38^{\circ}35'12''$  de longitude a oeste de Greenwich...

A posição geográfica do Rio Grande do Norte o individualiza dos demais Estados nordestinos, devido a ocorrência da mudança de direção do litoral brasileiro, o que representa uma grande projeção do país no oceano Atlântico.

Limita-se ao norte e leste com o oceano Atlântico, ao sul com o Estado da Paraíba e a oeste com o Estado do Ceará.

De um modo geral o relevo norteriograndense se destaca pela constante presença de superfícies onduladas, constituindo os seguintes compartimentos morfológicos. (fig.01).

**CHAPADAS:** surgem na faixa setentrional do Estado, apresentando visíveis escarpas ao sul; abrangendo o norte de Apodi, Açu e João Câmara, com ligeiro declínio para o mar. Nas proximidades das escarpas, a altitude máxima está entre 100 e 150m.

**MACIÇOS ANTIGOS:** estão localizados com grande intensidade na parte meridional do Estado, limitando-se com a Paraíba, numa altitude que varia de 500 a 700m, onde destaca-se o Planalto da Borborema, apresentando uma série de elevações, entre as quais, as serras de Santana, Caraúbas, Cuité, Portoalegre, João do Vale,



Queimadas, Martins e dos Porcos, em cujos topos planos ainda se mantêm a cobertura sedimentar dos arenitos, com glomerado de argila. Essas elevações quase sempre, recebem formas alongadas, no direcionamento W-E e SW-NE onde parecem encontrar-se bastante alinhadas, destacando-se em meio às zonas planas. Nestes aspectos topográficos surgem geralmente um controle estrutural. A diferença de nível entre as cristas dos maciços é quase inexistente, condicionando-nos a pensar na existência de uma antiga superfície cimeira, atualmente dissecada. O referido dissecamento talvez tenha sido provocado pelo aprofundamento de drenagem e pela ação dos vários processos erosivos, o que resultou no aplainamento das zonas atuais. Como destaque no Estado, encontramos o pico do Cabugi localizado no município de Angicos, com aproximadamente 800m. (Foto 2.1).

Na paisagem, podemos encontrar delineamentos morfológicos bastante expressivos: é o caso dos inselbergs, que são elevações modestas, apresentando vertentes abruptas, resultante do trabalho da erosão mecânica.

TABULEIROS: são desenvolvidos nas áreas sedimentares do Grupo Barreiras, compondo uma superfície subhorizontal com leve declive em direção ao mar, onde é subitamente interrompida, formando falésias que alongam-se por toda a costa. A crista dessas falésias litorâneas encontram-se, hoje, a 50-60m acima do nível do mar. Ao longo dos vales fluviais a superfície dos tabuleiros é freqüentemente quebrada por desníveis, que embora não afete a declividade geral da mesma, parece dividi-la em patamares paralelos. Esses desníveis tem seus princípios nas mudanças que aconteceram no nível do mar no período Quaternário, organizando os antigos terraços fluviais, como também seria responsável pelas formas modelares das falésias litorâneas do Grupo Barreiras, que podem ser identificadas nos arredores de Natal, especificamente nas

praias de Ponta Negra e Cotovelo. Na chegada até o seu nível atual, auxiliado pelo soerguimento da margem continental, o mar seria responsável pela formação das praias separando essas falésias da linha da costa, compondo a baixada litorânea. Ao longo do litoral podemos observar as dunas que chegam a atingir 120m acima do nível do mar. Essas dunas quartzosas, fixas e móveis, apresentando cores brancas, amareladas e avermelhadas, resultam de gerações variadas, recebendo classificação quanto a idade, coloração e edafização, em três tipos principais:

- Dunas antigas: são fixas, de cor avermelhadas e edafizadas;
- Dunas intermediárias:  
fixas, de coloração amarelada;
- Dunas recentes: móveis, de coloração branca.

VALES FLUVIAIS: apresentam-se entalhados na superfície total da região, se estendendo profundamente pelo interior, até os limites com o Estado da Paraíba.



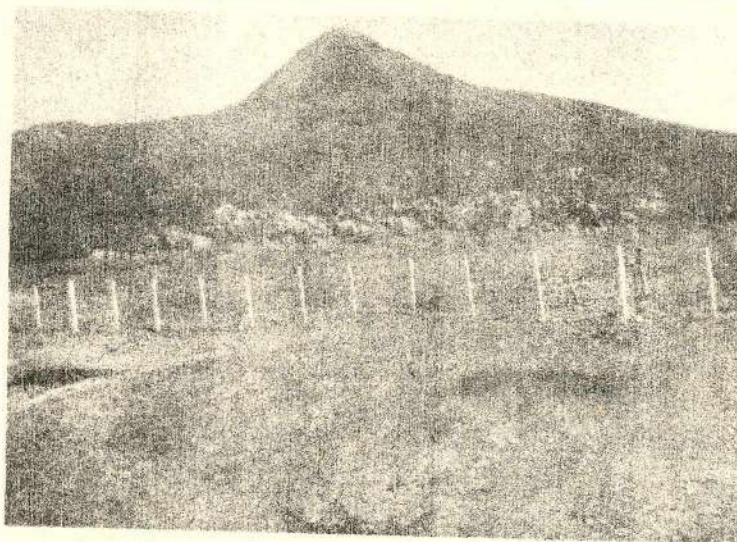
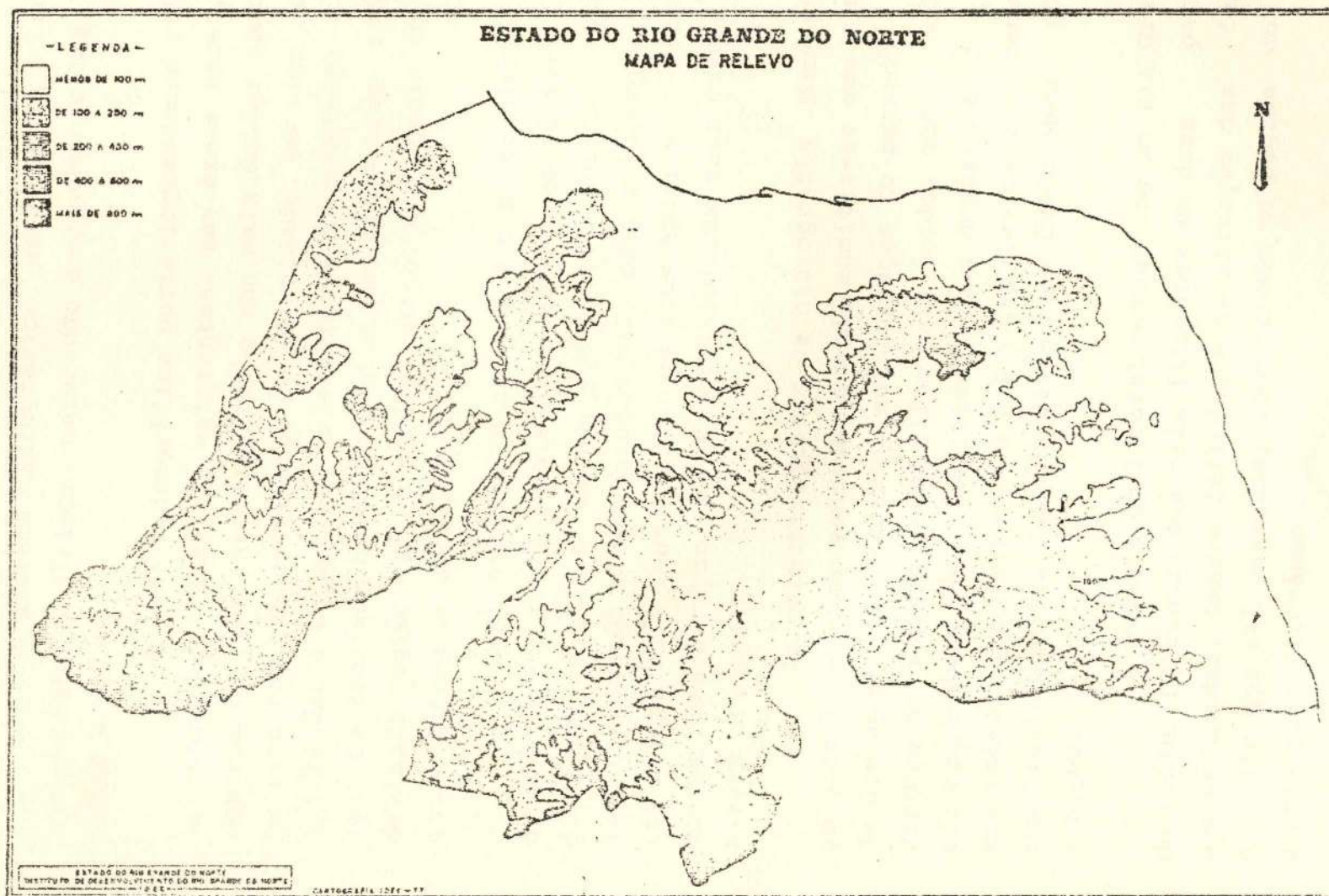


Foto 2.1 - Vista parcial do Pico  
do Cabugi-REs

FIG. 01





### 3.2 - Hidrografia

O sistema hidrográfico, está ligado a uma série de fatores físicos, merecendo destaque o clima, geologia e relevo.

A rede hidrográfica norterio-grandense retrata as condições climáticas existentes. Nas áreas secas, predominam os rios intermitentes e nas mais úmidas aparecem os rios com característica de perenidade. Os rios sofrem a influência do subsolo cristalino e da cobertura vegetal. Os recursos hídricos seguem uma disposição radial, devido a região ser um maciço antigo, que depois de soerguido sofreu um abaulamento.

O planalto da Borborema é o maior divisor hidrográfico da região, pois nele atravessam vários rios, dirigindo-se para o oceano, com os seus cursos paralelos, obedecendo a uma direção W-E, como o Potengi, Trairi, Curimataú e Ceará-Mirim; os rios Apodi e Piranhas correm numa direção SW-NE por iniciarem seus cursos na margem oriental.

As características da hidrografia Nordestina só poderá ser compreendida, quando admitir-se que a rede de drenagem tenha recebido sua formação no passado em virtude do domínio de um clima mais úmido, que poderá ser comprovado com a inexistência dos depósitos de seixos rolados nos terraços e nos interflúvios das cabeceiras fluviais. Esta fase do clima mais úmido teve pouca duração.

A mudança do litoral nordestino no Rio Grande do Norte, separando sua orla litorânea em duas partes bem definidas, exerce influência na situação das fozes dos rios que ali desaguam, como também no regime dos pequenos rios-litorâneos.

No litoral oriental, a erosão fluvial escavou

os tabuleiros litorâneos formando amplos vales, em cujas margens são encontradas restos de areias e mangues. O baixo curso desses vales tem uma caracterização de "ria" revelando ter toda a região sofrido uma série de movimentos relacionados ao nível médio do mar. Podendo ter havido uma erosão muito abaixo do nível atual, para depois surgir o afogamento destes baixos cursos, como é o caso dos rios Potengí, Ceará-Mirim e Curimataú. A ação dos ventos alísios do SE e E tem entulhado as "rias", provocando dificuldades à navegação, como é o caso do Porto de Natal, que constantemente é dragado, em virtude de sua localização na "ria" do Potengí.

No litoral setentrional, os ventos e as vagas carregam os cordões arenosos e dunas, alterando a direção da drenagem, ocasionando obstáculos nos percurso e desvios das embocaduras dos rios, no tocante a sua verdadeira direção para o mar, como se observa nos rios Apodi e Piranhas, onde em suas embocaduras estão os portos de Macau e Areia Branca. Esses portos, oferecem consideráveis transtornos à navegação devido à presença dos cordões arenosos, aliados a contínua sedimentação e a pouca profundidade. O clima seco, com ventos constantes, temperaturas elevadas, penetração das marés nos vales dos rios e a superfície plana do terreno, constituem fatores essenciais para o desenvolvimento da indústria extrativa do sal marinho, enquadrado entre as principais riquezas na economia do Estado.

Os pequenos rios litorâneos apresentam regime diferentes nas duas partes do litoral norteriograndense, devido a ocorrência das diferenças climáticas e a natureza do solo. No litoral oriental os rios são perenes alimentados pelas águas do lençol subterrâneo, acumulado nos tabuleiros; e no litoral setentrional eles são temporários, correndo unicamente durante a estação chuvosa.



Os rios norterio-grandenses apresentam características sertanejas pelo seu regime torrencial. São rios intermitentes, secando por completo nas épocas de estia<sup>g</sup>em. Enquanto que, os rios Piranhas, Apodi e outros, apresentam vales com talvegues e leitos continuamente secos. No período das chuvas, o nível das águas sobem, e as vezes ultrapassam as suas margens, provocando verdadeira escória, arrastando grande quantidade de material para o interior dos vales, provocando um verdadeiro lamaçal e deixando a água totalmente barrenta. Logo em seguida, quando o rio penetra numa região seca as águas evaporam-se nos sedimentos.

### 3.3 - Clima

No estudo geográfico um dos mais importantes aspectos, se refere às condições climáticas devido as suas várias influências, tanto nos componentes vivos da superfície terrestre, como sobre outros componentes físicos.

O clima do Estado do Rio Grande do Norte apresenta fatores geográficos influentes que estão diretamente ligados à sua posição na costa leste da América do Sul. O litoral setentrional capta a influência dos ventos alísios secos do nordeste, porém no litoral oriental dominam os ventos alísios úmidos do sudeste, influenciados pela direção norte-sul do Planalto da Borborema, e sua leve inclinação para leste bem como, devido a baixa latitude, não admite maiores variações térmicas.

Percebe-se, no entanto, que os ventos alísios influem de forma bastante decisiva na divisão climática do nosso Estado. No litoral oriental predominam os ventos do quadrante sudeste, ventos úmidos que não chegam a área do litoral setentrional, devido à ocorrência da mudança de direção da costa para oeste. Já a frente inter-tropical

cal localizada em grande escala no hemisfério norte, prejudica o Estado no que se refere à periodicidade de seus avanços, que são agravados pelo fato de não se apresentarem nesse litoral acidentes morfológicos significantes para determinarem chuvas de relevo. Os ventos alísios secos aparecem no litoral setentrional, atravessando as planuras arenosas e limitando-se com um suave declive na "Cuesta" do Apodí, não permitindo condições para a condensação do ar. No verão domina os ventos contra-alísios, todavia no mesmo período do ano os alísios do sudeste não tem a mínima condição de penetrar muito além do litoral.

Segundo a classificação de Köppen o clima norterio-grandense é do tipo Bsh (semi-árido), porém dentro do próprio território existe simultaneamente áreas, cujos índices de semi-aridez são amenizados, por elevações (serras), trechos úmidos, vales, várzeas e vazantes.

O Estado do Rio Grande do Norte sofre influências de três principais massas de ar, sem que nenhuma delas atue terminantemente, a ponto de causar condições que possam fazer cessar os índices de semi aridez.

São elas:

- 1) Massa equatorial atlântica
- 2) Massa equatorial continental
- 3) Massa tropical atlântica

A ausência de certos fatores condicionantes e a baixa latitude ( $5^{\circ}$  sul), permitem médias termométricas numa estreita faixa de variação, pois as isothermas médias variam entre  $24^{\circ}\text{C}$  a  $27^{\circ}\text{C}$ . A pluviometria apresenta irregularidade quanto a sua distribuição, de um modo geral observáveis entre o litoral oriental e o interior do Estado, tanto em relação ao período de chuvas como também na quantidade. O regime pluviométrico alcança as quotas de 500 a 1.500mm.

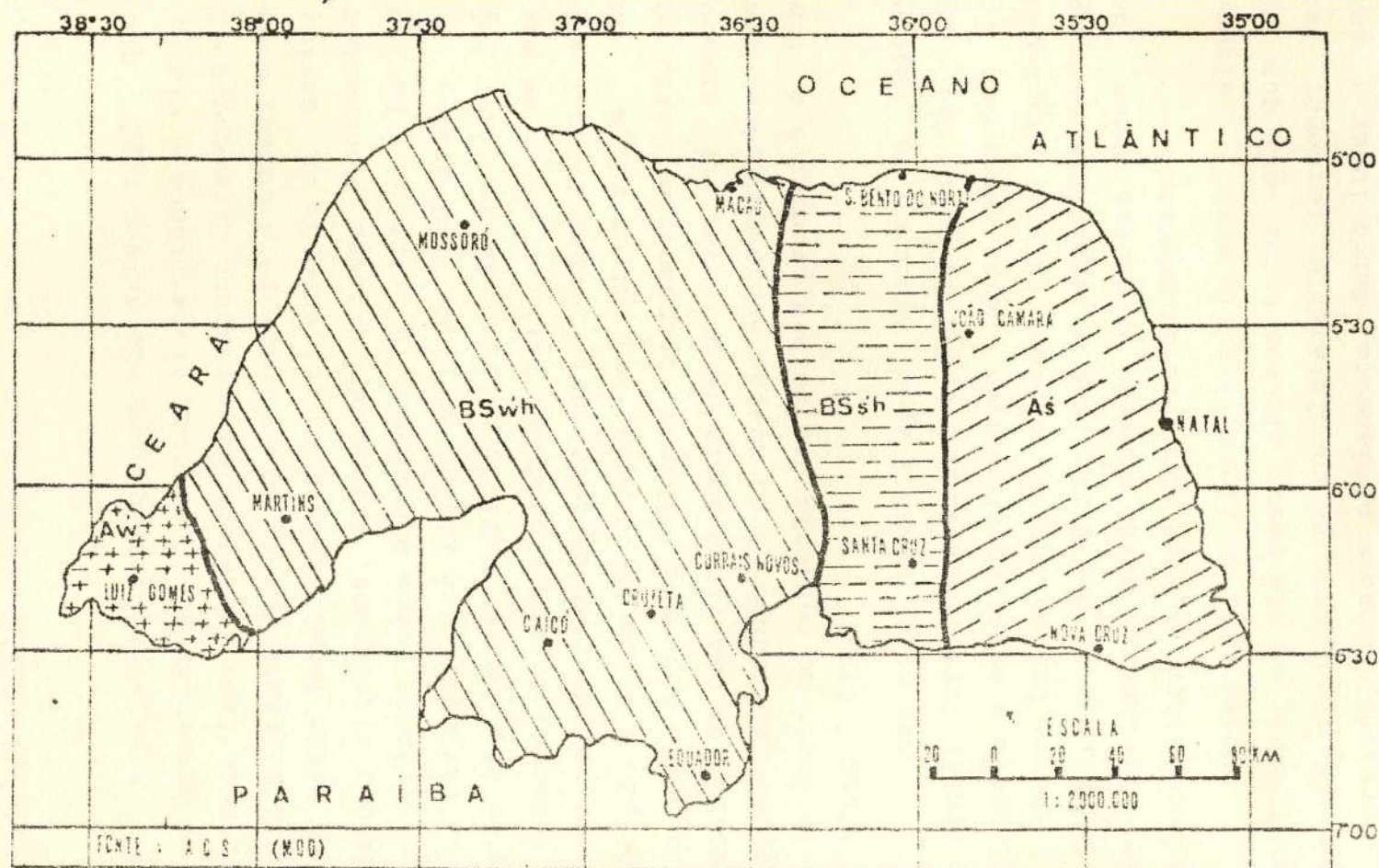


Tendo como ponto de partida esses elementos, os tipos de clima podem ser distribuídos conforme classificação de Köppen, em: (fig. 02).

- a) Aw' - tropical chuvoso, compreendendo os municípios de Marcelino Vieira, Pau dos Ferros e Luiz Gomes.
- b) As' - tropical chuvoso, com verão seco, compreendendo desde Touros até São Paulo do Potengi em direção oeste, a São José de Campestre.
- c) BSs'h- estepe atenuada ou semi-árido, distribuído numa pequena área ao Norte (Macau e Pedro Avelino), estreitando-se para o sul (Cerro Corá e Coronel Ezequiel).
- d) Bsw'h- tipo estepe, clima muito quente e semi-árido, incluindo grande parte do Estado.

O período mais frio acusa uma média superior a 18°C.

FIG. 02 - TIPOS DE CLIMA DO RIO GRANDE DO NORTE



| TIPOS DE CLIMA | As'                                   | Aw'                                     | BSwh                                         | BSsh                                                  |
|----------------|---------------------------------------|-----------------------------------------|----------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| CARACTERIZAÇÃO | CLIMA TROPICAL CHUVOSO COM VERÃO SECO | CLIMA TROPICAL CHUVOSO COM INVERNO SECO | CLIMA MUITO QUENTE E SEMI-ÁRIDO, TIPO ESTEPE | CLIMA MUITO QUENTE E SEMI-ÁRIDO, TIPO ESTEPE ATENUADA |
| CONVENÇÕES     |                                       |                                         |                                              |                                                       |



#### 4. CAATINGA DO RIO GRANDE DO NORTE

##### 4.1 - Aspectos gerais

A palavra caatinga tem sua origem tupi que significa mata-branca, (caa-mata; tinga-branca, clara, aberta). Esse tipo de vegetação apresenta diferenças fisionômicas bastante fortes de um lugar para outro, como também no mesmo local. Esse acontecimento se dá devido às condições climáticas, provocando grandes contrastes entre os períodos secos e chuvosos. O principal motivo para essa variação está ligado ao clima semi-árido, pelo fato da caatinga no período chuvoso que tem seu início em janeiro, intensificando-se entre os meses de março e abril, apresentar-se totalmente verde, sendo que este período é de curta duração. Nos outros meses do ano, ela perde toda sua folhagem, tornando-se clara, o que possibilita uma visão ampla da paisagem até grande distâncias; destacando-se os caules esbranquiçados que na inexistência do conjunto das folhas predomina o tom claro. (Foto 2.2).

DORA DE A. ROMARIZ apud, Aspectos da Vegetação no Brasil (09:33) explica a causa da queda das folhas, fazendo a seguinte abordagem: "Essa queda das folhas, é sempre bom salientar, representa uma adaptação ao período seco, já que diminuindo a superfície de transpiração representada pelas mesmas, as necessidades da planta com relação à água torna-se-ão menores".

Neste tipo de flora, é suficiente alguns dias de chuvas, ou até mesmo algumas horas para que essa vegetação transforme-se completamente, perdendo as cores amarelada, cinza e pardacenta, dando lugar a uma nova folhagem exibindo os vários tons do verde.

A caatinga pode ser definida como um conjun

to de árvores de tamanhos reduzidos, mata fechada, lenhosa, troncos e galhos retorcidos geralmente espinhosos e de aparência seca. (Foto 2.3). As folhas são pequenas e caducas no verão, para defesa contra a desidratação tanto pelo calor como pelo vento, possuindo raízes bastante desenvolvidas, por serem grossas e penetrantes. É caracterizada pela formação de vegetais arbóreo-arbustivos, dominando as leguminosas.

Esse tipo de associação vegetal que cobre também a região semi-árida do Nordeste brasileiro está ligada à disponibilidade da água no solo, altitude, topografia e tipo de solo. A caatinga geralmente desenvolve-se em solo silicoso ou sílico-argiloso, seco, arenoso ou cheio de pedras; pobre em matéria orgânica e azoto, mais comportando um certo teor de potássio e cálcio.



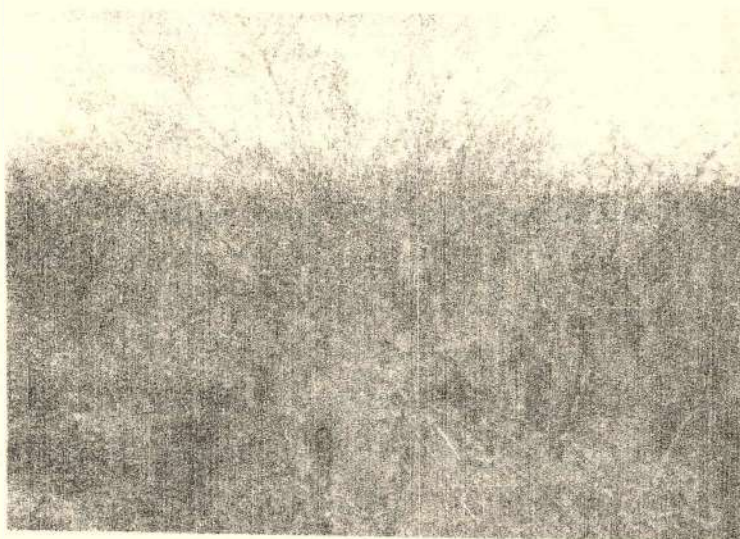


Foto 2.2 - caatinga arbustiva, com aspecto seco e acinzentado. Br-304 - município de Riachuelo-RN.

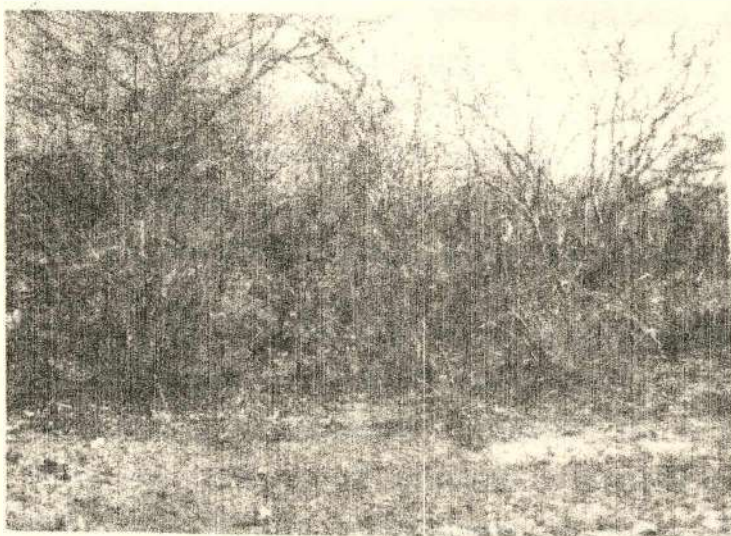


Foto 2.3 - Aspecto da caatinga hiperxerófila, com ausência de folhas. Município de Lages-RN.

#### 4.2 - Áreas de Ocorrência

As caatingas variam muito em seus aspectos fisionômicos, bem como na composição florística. Em decorrência das várias características apresentadas, procurou se relacioná-las com as condições climáticas. Em nosso Estado a caatinga está dividida em dois tipos: a caatinga hipoxerófila que enquadra uma vegetação mais úmida, arbóreo-arbustivo, densa quando confrontada com a caatinga hiperxerófila.

- Caatinga Hipoxerófila: apresenta três tipos de sinúsias bem distintas:

a) 1ª estrato arbóreo constituído da braúna (*Schinopsis brasiliense* Engl.), aroeira (*Schnus terebinthifolius* Raddi.), entre outras árvores de configuração normal, tronco bem definido, chegando a atingir de 4 a 6 metros de altura. Existem outras árvores que pelo porte, equivalem aos acima citados; mas um detalhe é o da configuração que se torna menos regular, apresentando troncos e galhos retorcidos como é o caso da imburana (*Bursera leptophloes* Engl.) e o imbu (*Spondias tuberosa* Arr Cam.). As árvores geralmente surgem isoladas, e pelo fato de conservarem a folhagem verde por mais tempo que a vegetação arbustiva, destacam-se no conjunto da caatinga.

b) 2ª estrato é o arbustivo mais contínuo, formando um entrançado de galhos bastante ramificados, espinhosos, atingindo em média de 2 a 3 metros. A quantidade de espécies é consideravelmente grande, onde as mais comuns são: catingueira (*Caesalpinia pyramidalis* Tul.), faveleira (*Cnidoscolus phyllacantus* Pax & K. Hoffm.), o pinhão bravo (*Jatropha pohliana* Muell.), o marmeleiro (*Croton* sp.) entre outras.

c) 3ª estrato destacando-se a vegetação com



50 cm ou pouco mais de altura, com abundância de Malváceas e compostos, além de está presente Cactáceas e Bromeliáceas. As Cactáceas mais encontradas são: xique-xique (*Cereus gounellyi* K. Shum), e a palma-de-espinhos (*Apuntia* sp.) que se tornam fartos em locais pedregosos e nos afloramentos rochosos. (FOTO 2.4).



FOTO 2.4 - Presença de Cactáceas, sobre  
chas. Próximo a Angicos-RN.



Das Bromeliáceas surgem algumas macambiras (*Bromelia la cínosa* Mart.), e grandes massas de Caroã (*Neoglaziovia variegata* Mez.), cujas folhas ultrapassam em alguns ca sos a 2 metros de comprimento.

Nesta Região do hipoxerofitismo, há um melhor aproveitamento econômico; são comuns nessa área planta ções de mandioca, algodão, feijão e mamona; é constante mente encontrado gado solto para pastagem. Pode-se res saltar a predominância da criação de caprinos, os quais se adaptam às condições naturais.

No Rio Grande do Norte, a área abrangente por este tipo de caatinga, situa-se a leste da caatinga hi perxerófila, numa faixa contínua que se estende desde a formação das praias e dunas, no litoral setentrional, li mitando-se com o Estado da Paraíba.

- Caatinga Hiperxerófila: atingindo quase 60% da porção estadual; apresenta um xerofitismo mais eviden te, característica da zona do clima semi-árido do Nordes te. De um modo geral apresenta minucioso porte e densida de. Nesta faixa destaca-se a forte presença de Cactáceas e Bromeliáceas. (FOTO 2.5 e 2.6). Não se registra a au sência de formações higrófilas, que são vegetais que se ambientam em clima mais úmido.

A formação geológica do relevo, onde predomi na este tipo de caatinga é constituída por rochas de em basamento cristalino.

No que se refere a pluviosidade, a região é das menos propícia, com uma média anual de precipitação inferior a 500mm; existem duas estações bastante signifi cativas:

- Estação chuvosa; inicia em novembro e termi na em abril com uma média de 450mm de água.

provocando a economia de água na relação solo-planta.

O solo é raso, pedregoso e resistente. Temos então quanto ao aspecto geral, espécies de alamedas sem vegetação, contornando agrupamentos de Cactáceas e alguns arbustos raquíticos, ou agrupamentos de um só indivíduo: xique-xique (*Cereus gounellei* K. Schum.), e touceiras de macambira (*Bromelia lacínosa* Mart.). Nesta paisagem atormentada, raramente ocorrem árvores de troncos eretos e bem conformados, sendo que a predisposição é sempre a da máxima ramificação, desde a base do caule até os galhos.





FOTO 2.5 - Aspecto da Caatinga hiperxerófila, com presença de Cactáceas e Bromeliáceas. Lagoa-Real-RN.

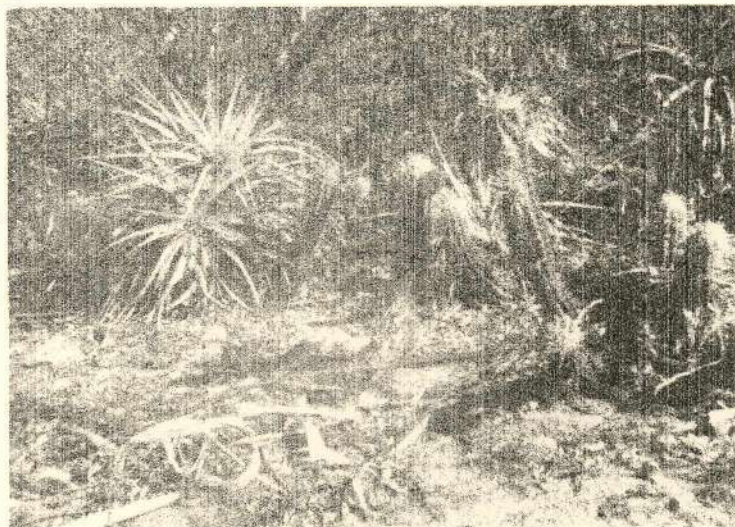


FOTO 2.6 - Associações de Cactáceas e Bromeliáceas. Município de Lagoa-Real-RN.

As espécies mais importantes que formam os entrançados são: Catingueira (*Caesalpinia* sp.), faveleira (*Jatropha phyllacantha* Mart.), jurema (*Mimosa* sp.), marmeleiro (*Croton* sp.), raras imburanas de Cheiro (*Bursera leptophloeas* Engl.) e imbu (*Spondias tuberosa* Arr. Cam.), além de Cactáceas colunares (mandacaru em alguns trechos).

São inúmeros os indivíduos das Cactáceas de pequeno porte (até 50 cm), mas com espécies reduzidas, surgindo principalmente, xique-xique (*Cereus gounelley* K. Schum.), palma-de-espinhos (*Opuntia* Sp.) e rasteiro quipã (*Opuntia inamoena* K. Schum.), entre outros.

Nessa Região comprova-se apenas uma criação extensiva, predominando a criação dos caprinos, capazes de se satisfazerem com o pasto tão precário.

No nosso Estado o hiperxerofitismo ocupa extensas áreas nas zonas do Oeste, Chapada do Apodi, Centro-Norte, Salineira e Seridó. Neste trecho do Seridó destaca-se o xerofitismo mais acentuado do Rio Grande do Norte e apresenta-se com aspecto arbustivo aberto.

Para melhor compreensão do estudo da vegetação, apresentamos na (fig. 03), o mapa da cobertura vegetal do Estado, e na (fig. 04) um outro, mostrando as áreas de ocorrência da caatinga.

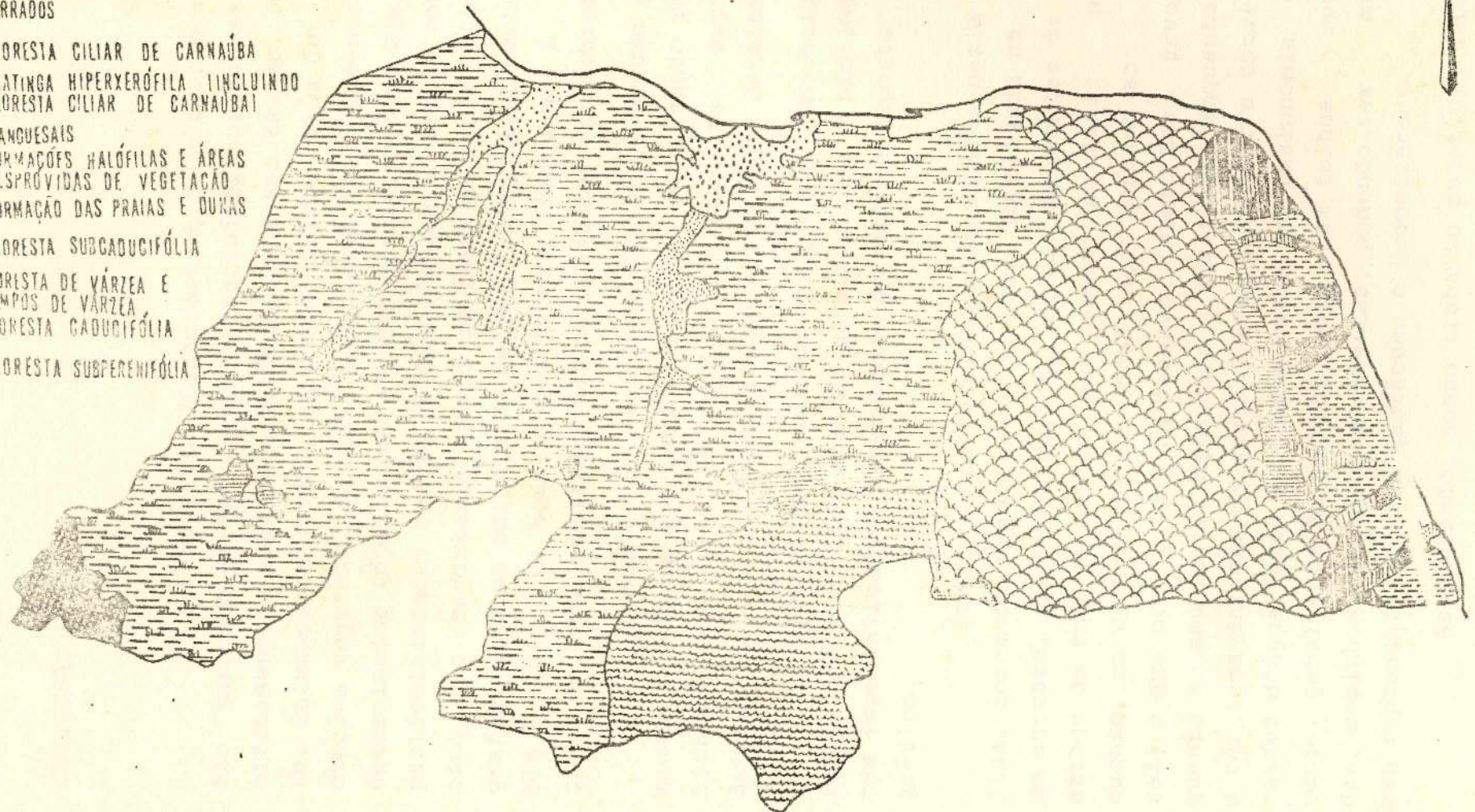


## LEGENDA

-  CAATINGA HIPERXERÓFILA E SUB-DESÉRTICA "SERIDÓ"
-  CAATINGA HIPOXERÓFILA
-  CAATINGA HIPERXERÓFILA
-  CERRADOS
-  FLORESTA CILIAR DE CARNAÚBA
-  CAATINGA HIPERXERÓFILA INCLUINDO FLORESTA CILIAR DE CARNAÚBA
-  MANGUESAIS
-  FORMACÕES HALÓFILAS E ÁREAS DESPROVIDAS DE VEGETAÇÃO
-  FORMAÇÃO DAS PRAIAS E DUNAS
-  FLORESTA SUBCADUCIFÓLIA
-  FLORESTA DE VÁRZEA E CAMPOS DE VÁRZEA
-  FLORESTA CADUCIFÓLIA
-  FLORESTA SUBPERENIFÓLIA

# ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

## ESBOÇO DA VEGETAÇÃO



10 5 0 10 20 30 40 50 Km

FONTE - IDEC - RN



## 5. CONCLUSÃO

A monografia "Caracterização da Caatinga no Rio Grande do Norte", que ora concluímos, prende-se especificamente a vegetação xerófila do nosso Estado. Portanto, deixamos de inserir na mesma, outros tipos de associações vegetais, as quais poderíamos ter desenvolvido determinados tópicos com algumas considerações. Mas, tal particularidade, reside no fato de que um estudo monográfico, não comportaria todo o conjunto da nossa fitogeografia, além da exiguidade de tempo disponível, como também a mudança de tema, entre outros, forçou-nos a esboçá-lo de forma reduzida, tal como estamos apresentando.

Desta feita, procuramos fazer um estudo preliminar, referente aos fatores físicos, enfatizando relevo, hidrografia e clima; em seguida, abordamos os aspectos da caatinga, quando fizemos uma análise mais detalhada.

Ressaltamos no entanto, que tal investigação foi levada a efeito, através de consultas bibliográficas especializadas, observações de campo e suporte fotográfico.

Portanto, os resultados detectados nesta análise, foram os seguintes: A caatinga localizada na zona do agreste, apresenta características diferentes da caatinga da zona do Sertão, por possuir um clima menos quente, em virtude de sua localização próximo ao litoral, o que proporciona um desenvolvimento das árvores, quanto ao seu porte, densidade e utilidade. Enquanto que, a caatinga da zona do sertão, área onde ocorre total escassez d'água, essa vegetação exhibe uma fisionomia diferente, geralmente de pequeno porte, com folhas reduzidas, espinhos, e hastes suculentas, podendo ser muito bem representada pelas Cactáceas e Bromeliáceas.

Assim sendo, nosso trabalho objetiva ampliar



um pouco os estudos da principal cobertura vegetal do Estado, desejando que o mesmo sirva de contribuição aos cursos de 2º grau, há muito solicitado. Por isso, imprimimos ao mesmo uma forma didática. Pretendemos, também, despertar os pesquisadores para estudos futuros mais minuciosos, acerca do seu aspecto morfológico, bem como, referentes ao seu aproveitamento econômico, visando multiplicação de espécimes nativas, através de reflorestamento, utilizando, igualmente, a açudagem e represas de rios semi-perenes.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- 01) BRAGA, Renato. Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará. 3a. edição. Escola Superior de Agricultura de Mossoró, RN 1976, 540 P.
- 02) CARACTERIZAÇÃO GERAL DO ESTADO. IN: Política Estadual de florestas e áreas prioritárias para reflorestamento. GOVERNO DO ESTADO/SECRETARIA DE AGRICULTURA/CEPA-RN, Natal, 1979. P.39-91.
- 03) DUQUE, J.G. O Nordeste e as lavouras xerófilas - Banco do Nordeste do Brasil S.A., 2a. edição, Fortaleza, 1973. P.91-104.
- 04) \_\_\_\_\_. SOLO e água no polígono das secas. Banco do Nordeste do Brasil S.A., 5a. edição, Fortaleza, 1953. P.26-36.
- 05) FLÔR, R.F. Tipos de vegetação do Rio Grande do Norte. IN: Aspectos fitogeográficos do Rio Grande do Norte. Natal, 1981. P.25-30. Monografia.
- 06) LIMA, M.S. compartimentação geomorfológica. IN: contribuição ao Estudo da geomorfologia do Rio Grande do Norte. Natal, 1977. P.16-24.
- 07) RIZZINI, C.T. Aspectos sociológicos e florísticos. IN: Tratado de fitogeografia do Brasil. São Paulo, ed. de Humanismo, ciência e Tecnologia, 1976. V.2 P.212. 223.
- 08) \_\_\_\_\_. IN: GOLFARI, L. & CASER, R.L. Zoneamento ecológico da Região Nordeste para experimentação florestal. Belo Horizonte, Centro de Pesquisa Florestal da Região do Cerrado, 1977. (PNUD/FAO/IBDF/BRA-Série Técnica, 10).



- 09) ROMARIZ, Dora de A. Aspectos da Vegetação no Bra  
sil. Rio de Janeiro, I.B.G.E., 1974. P.26-36.
- 10) TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL, 9a. edição, IBGE. Rio  
de Janeiro, 1970. P.107-109.
- 11) TEIXEIRA, M.M.A. & PRATES, M. Relatório de Mapa Geo  
morfológico do Rio Grande do Norte. Ministério das  
Minas e Energia DNPM/Projeto RADAMBRASIL. Natal,  
1978. P.05-08.

Autor: COSTA, Maria dos Gra-  
ços Pereira.

Título: *Caracterização da Costim.*  
*no P.N.*

[illegible]



